

Miguel Sanches Neto *A bíblia do Che*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 283 p.

O mais recente romance de Miguel Sanches Neto, *A Bíblia do Che*, parte da premissa de que Che Guevara teria passado clandestinamente por Curitiba em 1966, antes de seguir para a Bolívia, disfarçado de padre – com cabelo curto, barba raspada –, carregando consigo uma bíblia em português na qual teria feito diversas anotações, estudando a figura de Jesus Cristo como um guerrilheiro exemplar. A bíblia teria sido deixada para trás e, cinquenta anos depois, desperta a curiosidade de pessoas de grande influência na política nacional, colecionadoras de relíquias do tempo em que estiveram na guerrilha, foram torturadas, ou mesmo do outro lado, torturando e defendendo regimes totalitários.

A busca pela bíblia é motivo da contratação do professor Carlos Eduardo Pessoa – protagonista do romance, reincidente de outra obra do autor, *A Primeira Mulher* (Record, 2008) – pelo lobista Jacinto Paes, ponto chave de escândalos de corrupção que envolvem empreiteiras e políticos de distintas e importantes posições, diante da investida de um cliente misterioso interessado na relíquia. O fato já é o bastante para retirar Carlos Eduardo de sua zona de conforto: distanciado da profissão, isolado do contato com a sociedade nos últimos dez anos e com sua mobilidade intencionalmente reduzida às redondezas do edifício Asa, prédio comercial em que se encontra o ex-consultório odontológico no qual estabelece moradia, o professor tem sua rotina transformada à de um legítimo investigador. Transita por diversos locais em que poderia encontrar informações sobre a passagem de Che por Curitiba e, por conseguinte, sobre a existência da bíblia.

A missão empreendida pelo protagonista sofre uma importante reviravolta quando Jacinto é supostamente assassinado, justamente quando escândalos de corrupção envolvendo empreiteiras e políticos destacados começam a vir à tona. A busca, para Carlos Eduardo, passa a ser dupla: além de encontrar a bíblia, sente-se na obrigação de descobrir quem assassinou seu contratante. Escrita em primeira pessoa, a narrativa é dotada de uma atualíssima verossimilhança, fazendo com que o leitor seja capaz de reconhecer nos escândalos com as empreiteiras, por exemplo, fatos (infelizmente) comuns à sociedade brasileira contemporânea. Na mesma medida, permite que se imagine completamente a história que, embora envolta na busca de um artigo que mal se sabe se realmente existiu, não se distancia da realidade. E este é um grande mérito de Sanches Neto, já reconhecido como um dos maiores romancistas da atualidade: propor uma narrativa cuja tessitura une capítulo após capítulo em um suspense investigativo de tamanho fôlego, que o leitor se reconhece participante da aventura “guerrilheira” na qual as personagens se envolvem, sendo difícil imaginar como ler o livro que não de modo voraz.

É importante destacar que, no meio do caminho entre a busca pela bíblia, o assassinato de Jacinto e os escândalos de corrupção, a obra trata de uma grande e, digamos, “revolucionária” paixão juvenil. O ponto chave disso está na aproximação repentina e intensa entre Carlos Eduardo e Celina, ex-mulher de Jacinto, que se revela a verdadeira interessada na busca pela bíblia. Ela confia ao professor tal procura, orientada pelo ex-marido, e ao mesmo tempo se mostra envolvente, conquistável, fazendo com que ele se sinta responsável também por ela, já ameaçada pelos possíveis mandantes da morte do ex-marido. Não é difícil imaginar os motivos que levam Carlos Eduardo a se apaixonar tão perdidamente por Celina; basta ver o modo solitário com que optara por viver, completamente distinto daquele que tinha dez anos antes: isolado do contato com a sociedade e especialmente com mulheres, revelando (à inferência do leitor) carência total de envolvimento afetivo e sexual com o sexo oposto. Celina, quando chega, mexe com a rotina e com a organização bem estabelecida de Carlos Eduardo, até então decidido a exilar-se (paradoxalmente, o exílio fica em um edifício comercial no centro de Curitiba). A paixão é avassaladora: em poucas páginas o foco total do professor passa a ser Celina, pensando e agindo por ela a todo instante, renunciando violentamente à sua individualidade isolada em favor da companhia da mulher por assim dizer “amada”; daí

que seja uma paixão juvenil. Ele passa a acompanhar – embora não compartilhe – a sua devoção por Che Guevara. Na busca por entendê-la e por estar em sua companhia, viaja com ela à Bolívia para refazer os passos de Che antes da morte. O desfecho é trágico e reforça o tom desmedido da paixão: Celina desaparece em um passeio, em uma aparente tentativa de suicídio, quando seguia os rastros do ídolo guerrilheiro. Resta ao protagonista retornar a Curitiba completamente desolado.

A paixão revoluciona a vida de Carlos Eduardo – revolução iniciada, por certo, quando este é envolvido na busca pela bíblia do Che. Faz com que se rebele, como um adolescente, contra o modo de vida de certa forma “guerrilheiro” que vinha conduzindo, já que a renúncia ao convívio social, ao trabalho, ao sexo e à própria moradia caracterizam um combate ao sistema imposto pela sociedade. Celina vê em Che Guevara o seu mestre guerrilheiro, lutando por um ideal de liberdade e igualdade, tal como ele possivelmente teria visto em Jesus Cristo. Carlos Eduardo, por outro lado, talvez fosse antes o seu próprio mestre guerrilheiro, dado que suas experiências do passado são determinantes para a consolidação do estilo de vida que levava até se envolver com Celina. Ocorre que, aparentemente, a paixão de Celina por Che é maior do que a que talvez sinta pelo professor, o que a impede de conhecê-lo como um provável “guerrilheiro *a posteriori*” (mesmo que em proporções bastante distintas), ou mesmo de distanciar-se da adoração desmedida pela figura do mito guerrilheiro para conhecer Carlos Eduardo como um homem apaixonado, disposto a tudo por ela.

A busca de Celina pela bíblia talvez represente seu esforço por se aproximar dos valores defendidos por Che, na medida em que sua veneração a conduz ao desejo de ser também uma guerrilheira, de viver e ver o mundo como o ídolo. Encontrar o postulado deixado por um mito como Guevara seria, então, materializar a possibilidade de um encontro profético e único com o ser adorado. Ao encontrá-lo, Celina renunciaria a tudo pela crença juvenil na revolução. É fato que não precisou encontrar a bíblia para empreender tal renúncia; sua crença, contudo, não deixa de ser compreendida como rebeldia adolescente. A modernidade capitalista reforça a ideia utópica da revolução, e encontra em Carlos Eduardo o seu ponto de realidade: mesmo imerso na paixão que sente por Celina, mesmo tentando compreendê-la, ele não embarca no seu sonho rebelde porque sua maturidade, embora desafiada por uma paixão juvenil, permite-lhe conhecer bem os limites da rebeldia.

Romance que, em nossos dias, se dispõe a tratar da figura mitológica de Che Guevara e da revolução que ele defendia, não tem a conjuntura política nacional como mero plano de fundo para a história de paixão entre o professor Carlos Eduardo e Celine. As palavras entram em estado de rebeldia quando se dispõem a tratar de um tempo intermediário a ser vencido, traduzindo-se na “renúncia mística” que caracteriza a revolucionária expansão rumo ao futuro, como bem observa o protagonista no capítulo doze. Assim também ocorre com a própria narrativa. Embora não dê o caminho das pedras para a solução dos problemas que assolam o país (e nem de longe seria essa a sua função), a obra possui potencial incontestável na reflexão contemporânea. Toca a sensibilidade do leitor tanto na crítica quanto no desenrolar da paixão juvenil, elementos capazes de fazê-lo reconhecer-se na narrativa, envolver-se com ela e, na medida do possível, transformar-se a partir da leitura. Toda paixão é movida por uma busca; logo, toda leitura é um encontro.

**Lucas Cyrino**

UFRGS